



“SÓ NÃO VAI QUEM É, OU TEM MEDO DE SER!”: AS NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOBRE A FESTA DO BOIÃO EM ACOPIARA/CE (1989-2017)

Ana Cristina de Sales¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: anasalesprof@gmail.com

ST10: Festeiros e Devotos: o estudo das festas e das religiões na contemporaneidade

O texto discute as narrativas de memória sobre a festa do boião, no município de Acopiara/Centro Sul do Estado do Ceará, tendo como temporalidade inicial 1989 (período em que se iniciou a festa) e temporalidade final 2017 (momento em que foram produzidas as fontes). Para a pesquisa utilizamos a metodologia da História Oral, na qual foram selecionados como sujeitos do trabalho os organizadores da festa, alguns participantes e indivíduos escolhidos como o corno do ano.

Para o trabalho discutiremos os conceitos de memória e festa, memória a partir da perspectiva de Portelli (2016) e festa por meio das contribuições de Mikhail Bakhtin (1999). Para Mikhail Bakhtin (1999) a festa pode ser analisada como forma de liberação, destruição e renovação do mundo”. As transgressões na festa são vistas como uma válvula de escape para as tensões cotidianas. Logo, para Bakhtin a festa se constitui num espaço de rompimento com o mundo oficial, determinado pela cultura cômica, pelos valores e crenças populares.

Nesta acepção, “a festa marcava de alguma forma uma interrupção provisória de todo o sistema oficial, com suas interdições e barreiras hierárquicas. Por um breve lapso de tempo, a vida saía de seus trilhos habituais, legalizados e consagrados, e penetrava no domínio da liberdade utópica (BAKHTIN, 1999, pp: 5-6).

¹ Autora



Segundo alguns narradores a ideia da festa do boião surgiu a partir de um radialista chamado Guilherme Oliveira, que a cada final de programa serrava o chifre dos cornos de Acopiara (uma maneira de brincar com o ouvinte). A forma cômica do programa fazia sucesso e o idealizador começa a fazer a festa do boião, que se tornou uma famosa atração na cidade. O título “Só não vai quem é, ou tem medo de ser”, é justamente para agregar o grande público, só fica em casa no dia baile do boião, o sujeito que é corno ou teme ser. Assim, o caráter efêmero dessa liberdade apenas intensificava a sensação fantástica e o radicalismo utópico (idem).

A festa em Acopiara acontece há 28 anos e durante o decorrer da festa tinha um homem, ou mais de um, iria contar lá sua história, de um chifre, teria sido traído, quem tivesse a história mais convincente e aplaudida, a do chifre maior, aquela em que a pessoa mais sofreu, ganhava o prêmio do corno do ano (ENTREVISTADA: CRISTIANE MOURA DO VALE, 2017).

A festa é realizada no mês de novembro e já se encontra na 32ª edição, é o segundo maior evento festivo do município, perdendo apenas para o carnaval, um dos maiores do interior cearense. O baile do boião acontece numa noite específica (normalmente 2º sábado de novembro), entretanto, durante o mês de outubro e início de novembro as expectativas são grandes no município.

Logo, o baile do boião congrega um espaço criado e recriado anualmente pelos participantes e organizadores. Nesse espaço, as regras, as normas e a hierarquia existentes são repensadas. Desse modo, é necessário problematizar os significados para os diversos atores nela envolvidos, observando as relações estabelecidas entre eles, as tensões, aproximações e conflitos. Nesse sentido, questionamos: qual a importância e os sentidos que a festa possui para o grupo? Quem são os diferentes sujeitos que participam da festa? Quais hierarquias são burladas no dia do evento?

Palavras-chave: Festa, memória, baile do boião.

FONTES (ENTREVISTAS REALIZADAS)



Cristiane Moura do Vale; Participante, Entrevista realizada em 30 de novembro de 2017;

Jonathan Guilherme, organizador, Entrevista realizada em 02 de dezembro de 2017;

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*, São Paulo: Hucitec, 1999.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Arte da Escuta*. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.